



AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA QUE OS IDOSOS EMPREGAM DIANTE DAS MÍDIAS DIGITAIS

Ana Paula Rocha Neto¹ ,

Eliane Gonçalves Costa Anderi²

1 Pedagogia, Bolsista PBIC, Universidade Estadual de Goiás - CCSEH, anap.rneto@gmail.com;

2 Docente do Curso de Pedagogia, Universidade Estadual de Goiás - CCSEH, Anápolis (GO).

PALAVRAS - CHAVE: Letramento. Mídias Digitais. Idosos.

INTRODUÇÃO

A história da educação brasileira mostra um acesso tardio das classes menos favorecidas economicamente, ao ensino formal. Por volta da segunda metade do século XX foi que as políticas educacionais brasileiras incluíram as classes populares na escola, por meio de campanhas e de programas emergenciais. Todavia a educação destinada aos jovens e adultos foi sempre colocada em segundo plano e mesmo quando se defini projetos e metas para essa modalidade de educação não se obtém sucesso em virtude, em grande parte, da falta de financiamento e políticas públicas adequadas ao segmento. O Brasil é um país marcado pelo baixo investimento na formação de leitores.

Para situar essa questão em um contexto mais amplo: em 1890, em Portugal havia de 20% a 30% apenas, de sua população alfabetizada segundo Assunção (2008) e no mesmo período a Inglaterra e a França já contavam com a maioria de sua população alfabetizada. Sendo a colonização brasileira gestada de culturas eminentemente orais, cuja prática de leitura se desenvolveu lentamente, e, somado ao baixo investimento, seja do ponto de vista financeiro seja da formação do quadro de pessoal, chegamos ao século XXI sem ter resolvido se quer o problema do analfabetismo. Temos ainda um grande número de pessoas, e grande parte são idosos, que mesmo tendo frequentado a escola não conseguiu se tornar verdadeiramente um leitor e por vários motivos - dentre estes a evasão escolar, baixa renda, trabalho precoce, ingresso tardio a escola.

O proposto projeto faz parte de outro maior que aborda as estratégias empregadas por pessoas idosas e de baixo letramento, usando diferentes mídias digitais.

O ato de ler não se restringe somente à leitura da palavra escrita, mas segundo Martins *apud* Scliar (2008) a escrita provavelmente seja o mais perfeito e o menos obscuro sistema de



linguagem. Quanto mais o ser humano domina ferramentas cognitivas de interpretação, mais condição terá de compreender e atuar sobre sua realidade.

Ler constitui-se “em um ato de atualização e de despojamento do pensar e longe dos pré-juízos e pré-conceitos com que o senso comum ilude a maioria dos alfabetizados” (YUNES, 2002, p.39).

Em meados dos anos de 1980, no Brasil, a invenção do letramento surge no discurso dos especialistas dessas áreas, segundo Soares (1999). Ainda de acordo com a autora, letramento é a versão em Português da palavra inglesa *literacy* e esta por sua vez “é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever” (p.17). Mas segundo Assolini e Tfouni (2007) “está longe de existir um consenso entre os autores sobre o que seja letramento” (p.38). Às vezes o conceito de letramento está associado ao de alfabetização, como sendo sinônimo desta, o que não faremos neste trabalho, pois estamos entendendo letramento como práticas sociais de leitura e de escrita que não restringe o uso da língua numa perspectiva instrumental, utilitarista para servir de instrumento de inserção no mercado de trabalho, mas sim numa perspectiva que reconheça que o leitor tem capacidade de pensar e de expressar frente a sociedade, fortalecendo lhe também o espírito crítico.

Carvalho (2011) diferencia as pessoas alfabetizadas das letradas. Para ela o ser alfabetizado baseia-se na decodificação, em técnicas de memorização, codificação e transcrição da fala. Nesta perspectiva, considera-se que a pessoa aprendeu quando ele consegue repetir o que lhe foi ensinado. O letramento é caracterizado como o uso social que a pessoa faz da leitura e da escrita diariamente e que inclui vários tipos de textos, nas distintas situações comunicativas que vivencia. A codificação e a decodificação (não se discutirá no texto) também entram neste processo, de acordo com Soares (2004) existe uma diferença entre saber ler e escrever para ser capaz de fazer uso da leitura e da escrita.

As estratégias de leitura são estruturas cognitivas que os leitores proficientes normalmente acionam mesmo sem consciência. Diante de um texto, segundo Solé (1998), o leitor aciona o conhecimento prévio que possui sobre o assunto e nesse processo ele antecipa, seleciona, faz inferências e avalia. As pessoas com pouco hábito de leitura ou com baixo nível de letramento ou um leitor iniciante, elaboram hipóteses para construir significados sobre o que está lendo, ou seja, acionam rudimentos dessas estratégias de leitura.

O estudo em questão pretende identificar quais são as estratégias empregadas por pessoas idosas ao realizar a leitura que tem como suporte as mídias digitais. Certos de que esse segmento da população é de uma geração que assistiu ao nascimento dessas tecnologias e



as vê com receio, mas também com admiração o trabalho nessa pesquisa é desafiador.

Em pesquisa realizada por Solé (1998) o uso das estratégias de leitura como um procedimento de ensino, auxilia o leitor iniciante a avançar no processo de aquisição da leitura. Sendo assim compreender como se dá o seu uso diante das mídias digitais pode contribuir para a criação de práticas pedagógicas que possibilitem o avanço desse grupo no desenvolvimento da leitura independente do suporte do texto.

MATERIAL E MÉTODO

Luna (2007) destaca que o processo de pesquisa é dinâmico, daí a dificuldade de normatizá-lo, mas, apesar disso, possui roteiros e é importante que o pesquisador esteja “atento à realidade que pesquisa e ser sensível às alterações que ela pode exigir” (p. 61).

Os sujeitos da pesquisa foram os idosos que frequentam o Centro de Convivência dos Idosos (CCI) que em entrevista procurou-se identificar o nível prévio de informação sobre o uso de tecnologias da comunicação, como conquistaram esses conhecimentos, o grau de interesse e motivação para lidar e aprender usar essas tecnologias.

Compôs a metodologia o registro por meio de fotos, preenchimento de protocolos de registro das ocorrências dos encontros e o acompanhamento do pessoal dos idosos, na tentativa de identificar quais são as maneiras que empregam para tomarem as decisões quanto à navegação na internet e o que os levou a tomar este ou aquele caminho.

Realizou-se uma pesquisa exploratória com aplicação de quatrocentos questionários a pessoas idosas e a pessoas de baixa escolaridade, foi possível detectar as expectativas que esses segmentos têm em relação ao aprendizado de uso da Internet. O esperado pelos respondentes vai desde usar a rede mundial para distração, lazer, comunicação com familiares e amigos até se informar (o mais citado) e também ser independente, aprender mais e ajudar no trabalho.

RESULTADOS

Cerca de 60% dos respondentes, responderam que desejam aprender a usar ou aperfeiçoar o uso de computadores, celulares e *smartphones*. Os que não querem aprender justificam a resposta alegando falta de tempo, mente fraca, não enxergar direito, ter pouca leitura, como razões da negação aos cursos oferecidos. Pretende-se com esse estudo, que é um misto de pesquisa e de extensão, dar suporte para que as pessoas (sujeitos da pesquisa)



consigam utilizar dessas diferentes mídias.

Conhecer os interesses de dois significativos segmentos sociais, os idosos e as pessoas de baixa escolaridade (até fundamental incompleto) era a intenção de aplicação do questionário da pesquisa exploratória realizada para a proposta do projeto maior, que este está inserido. Isso ficou claro nas falas dos respondentes aos questionários. Atualizar-se, aprender mais, ser independente, conversar com os amigos e familiares, distrair-se, poder trabalhar melhor, ter acesso ao mundo, são exemplos de suas falas. Embora sejam apenas dois segmentos, eles são significativos, pois o analfabetismo está mais próximo de nós do que podemos imaginar e a aplicação do questionário nos possibilitou uma reflexão ainda melhor sobre o assunto.

Foram realizadas oficinas, mulheres e homens com mais de 60 anos, alguns alfabetizados outros com noções básicas de leitura, porém quanto às tecnologias apresentaram baixo conhecimento em relação ao manuseio. Durante as oficinas o princípio geral que guiou as ações foi o de valorização dos conhecimentos que possuíam e, a partir desses conhecimentos é que eram instigados a pesquisar, na internet, sobre coisas que eles conhecem ou gostam, para tornar significativos os novos saberes.

Foi oferecida a eles a oportunidade de manusear vários equipamentos: computador de mesa, tablete, computador com tela touchscreen, tablet, celular do tipo smartphone Android e Windows, mas o que eles mais queriam aprender a utilizar foi o celular do tipo smartphone e com o sistema operacional Android.

O maior interesse deles foi em: enviar mensagens, gravar novos contatos, tirar fotos, coisa que por vezes julgamos simples e básicas, mas para eles eram desafios a serem superados. E a cada avanço podíamos perceber a satisfação, pois em muitos momentos dependiam de seus familiares para realização dessas atividades, o que lhes causava certo constrangimento, por sempre depender de alguém.

Alguns queriam saber mexer em seus celulares primeiro, outros já optavam pelo celular tipo smartphone, com tela *touchscreen* e por ser um aparelho maior facilitava na digitação do texto de mensagem ou de um nome para arquivar na agenda, além dos aplicativos serem apresentados sob a forma de desenhos o que auxiliavam na escolha da operação a ser realizada, principalmente daqueles que possuem dificuldades para leitura e compreensão de textos.



A quantidade de oficinas oferecidas no laboratório foram poucas em virtude da reforma do prédio o que acabou comprometendo a continuidade das oficinas e que talvez os ganhos do ponto de vista da aprendizagem poderiam ter sido maiores.

CONCLUSÃO

Foi possível identificar, até o presente momento a importância que o domínio que as habilidades de leitura adquirem na medida em que a sociedade emprega a escrita, na maior parte das relações que se estabelece entre os seres humanos e como a falta desse domínio tem servido de elemento de exclusão.

Falar em inclusão digital em relação às pessoas com baixo letramento não pode deixar para segundo plano o investimento em políticas de alfabetização e de letramento para essas pessoas. Todavia as propostas pedagógicas devem se orientar por outras concepções diferentes das que vem sendo empregadas, pois elas não conseguiram fazer com que essas pessoas ampliassem seus conhecimentos relacionados à leitura e a escrita.

O trabalho de ensinar a utilização dos equipamentos tecnológicos exigiu o domínio da leitura e da escrita trazendo a necessidade de ensina-los ler e escrever. Tudo isto acabou por exigir das bolsistas, acadêmicas do curso de pedagogia a ampliação de conhecimentos em relação ao ensino da leitura e da escrita. O que nos levou a identificar que para ensinar um adulto a ler e a escrever não basta saber juntar letras, identificar vogais e consoantes tem que conhecer mais do funcionamento da língua e dos diferentes usos que se faz dela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOLINI, Filomena Elaine Paiva; TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e trabalho pedagógico*. In Revista Eletrônica Acolhendo e Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa. São Paulo: Redalyc (org.), 2007. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87910104>. Capturado em: 04 de fevereiro de 2014.

ASSUMÇÃO, Jéferson. *Leitura cultural, crítica ou utilitária*. In AMORIM, Galeno (org.). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa oficial: Instituto Pró-livro, 2008, p 83 a 94.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. *Planejamento de pesquisa – uma introdução – Elementos para uma análise metodológica*. São Paulo: EDUC, 1996.

CARVALHO, Marlene. *Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. Revista Brasileira de Educação. Minas Gerais: 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Capturado em: 04 de janeiro de 2014.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica,



1999.

SOLÉ, isabel. Estratégias de leitura. 6ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

YUNES, E. *Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo*. In: YUNES, E. (Org.). *Pensar a leitura: complexidade*. Rio de Janeiro: Ed PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2002, p. 13-51.